

# RACISMO ESTRUTURAL DOCENTE: ENTRE AUSÊNCIAS E INVISIBILIDADE UM PROCESSO DE (RE) EXISTÊNCIA IDENTITÁRIA.

Políticas Públicas e Projetos para Amazônia: Desafios, Sustentabilidades e Perspectivas, 1ª edição, de 21/06/2023 a 23/06/2023  
ISBN dos Anais: 978-65-5465-044-1

**OLIVEIRA; Sâmia Valéria Nascimento de <sup>1</sup>, HILÁRIO; Rosângela Aparecida <sup>2</sup>, RIBEIRO; Maria Angélica Souza <sup>3</sup>, COSTA; Dulcicléia Santana <sup>4</sup>, ALMEIDA; Sílvia Nascimento Rodrigues de <sup>5</sup>**

## RESUMO

**Seção Temática:** Currículo, Extensão, Educação Superior e Pesquisa na Amazônia; **Introdução/Objetivo:** Sabe-se que conforme a Lei 10.639/2003, o ensino de “História e cultura africana e afro-brasileira” é obrigatório na composição curricular e das dimensões didático-pedagógicas da escola. Nesse sentido, as construções de práticas antirracistas na escola devem ser intensas e com definições assertivas das composições sociais, culturais, e educacionais no intuito de descolonizar e enfatizar a presença do racismo estrutural no cotidiano, como herança histórica, que deve ser superada. Este trabalho teve como objetivo preconizar uma investigação reflexiva da forma como as práticas didático-pedagógicas em uma em uma Escola Estadual de Ensino Médio em Tempo Integral, de Porto Velho – RO, estão contribuindo para o fortalecimento de uma educação antirracista, bem como, de que forma a Lei 10.639/03 impacta na formação docente para a consciência do letramento racial em Porto Velho - Rondônia. **Materiais e Métodos:** Essa pesquisa foi realizada com base nas abordagens da pesquisa etnobiográfica (Gonçalves *et al.* 2012), uma vez que se aproxima por meio das aulas de letramento racial, realizadas na escola pesquisa, e teve como procedimentos, *a priori*, a coleta de dados pautadas nas experiências vivenciadas nas trocas de diálogos e conceitos, disponibilizadas na aula, e em referenciais bibliográficos decoloniais, de feministas negras e documentos oficiais do Estado de Rondônia. **Resultados e Discussões:** O Brasil é historicamente marcado pela herança racista, que naturalizou-se e estruturou-se em todas suas dimensões. (ALMEIDA, 2018) Esse fator, aliado aos aparatos da colonialidade normativa que regulamenta quem pode e quem não pode ser aceito na sociedade, ou ser reconhecido como cidadão ou cidadã, inferioriza e colocam em lugares de segundo patamar todas as culturas, subjetividades, formas de ver e perceber o mundo, gêneros e outros tantos substantivos que rotulam essas culturas como desviantes da norma e do pacto da branquitude, em sua supremacia racista. (LIMA, 2007) Quando tencionam-se as discussões sobre essas manifestações da forma como o racismo estrutural se apresenta na escola, sendo ela um dos aparelhos que reproduzem essas lógicas, percebem-se que os reflexos, de uma educação que não pauta em seus espaços a problematização desse sistema, apontam para uma perspectiva de silenciamento, de represália, de apagamento identitário e cultural, e ainda, de memoricídio dos heróis e heroínas que resistiram contra a hegemonia do colonizador branco, europeu e cristão. (ADICHIE, 2019) Ressalta-se que o contato com aqueles e aquelas que antecederam nossas escritas e movimentos são primordiais para que as conexões entre o passado e o presente possam verificar e discutir um futuro ainda em construção. (hooks, 1994) Observou-se que, ainda que, hajam discussões, provocadas pelas ações antirracistas na escola, a dimensão analítica que

<sup>1</sup> Universidade Federal de Rondônia, samia.olivei@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Rondônia, rosangela.hilario@unir.br

<sup>3</sup> Universidade Federal de São Paulo, donamariaribeiro@gmail.com

<sup>4</sup> Universidade Federal de Rondônia, aronflower@gmail.com

<sup>5</sup> Universidade Federal de Rondônia, silvianascimento@hotmail.com

adota-se é muito interligada a forma como as construções culturais e históricas foram desenvolvidas, isso porque para pessoas pretas, ou negras que é um termo que a branquitude usou para referir-se a essa população, no intuito de demarcar a nomeação da norma, para que a manutenção dos privilégios da branquitude colonizadora perdurasse e encaixasse de forma brutal os espaços, teorias, epistemologias, e representatividades dos campos. “O argumento é que a categoria raça traz em si o estigma de inferioridade que pesa sobre os negros. Os movimentos negros fizeram enorme esforço para recolocar este termo em outras bases, pois lhes interessava denunciar e combater o racismo” (LIMA, 2007) A discussão das práticas antirracistas na escola, estando por exemplo, em disciplinas que discutem e apontam para a desconstrução dessas práticas racistas estruturais na sociedade, é também uma forma de repensar a própria vivência de pessoas pretas na sociedade. Identificou-se que o racismo atravessa a escola, e principalmente a própria concepção de escola e formação docente, perpetuando esses entraves numa dialética do “não me reconheço, não farei!” ou na lógica da “sociedade do mimimi”, interferindo nas construções didático-pedagógicas e curriculares da escola, uma vez que esses espaços também são produtos das relações de poder, estabelecidas pela hegemonia capitalista e neoliberal. **Conclusão:** A escola e toda sua estruturação está em constante mudança e deve estar atenta à forma como o Racismo Estrutural atravessa seus espaços e subjetividades. É nítido que a herança histórica que permeia o espaço escolar é demasiadamente uma reafirmação da manutenção capitalista e neoliberal que para prorrogar-se utiliza das mais sujas e mórbidas formas de apagamento, silenciamento e memorícidios. As prospecções da prática antirracista na estrutura escolar e nas relações estabelecidas nela propiciam um lugar de debate e de desconstrução desses fenótipos e estereótipos que a branquitude estabeleceu sobre corpos pretos na sociedade. Somente por meio de uma educação compromissada no rompimento com o pacto histórico colonial, estabelecido pela branquitude, é que teremos uma escola efetivamente mais harmoniosa, democrática e livre de preconceitos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação, Práticas Antirracistas, Escola, Racismo Estrutural

<sup>1</sup> Universidade Federal de Rondônia, samia.olivei@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal de Rondônia, rosangela.hilario@unir.br

<sup>3</sup> Universidade Federal de São Paulo, donamariaribeiro@gmail.com

<sup>4</sup> Universidade Federal de Rondônia, aronflower@gmail.com

<sup>5</sup> Universidade Federal de Rondônia, silvianasciment@hotmail.com